

## EXPERIÊNCIA EM LEITURA LITERÁRIA NA BIBLIOTECA ESCOLAR

RAFAELA CANEZ CAMARGO<sup>1</sup>; CRISTINA MARIA ROSA<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – rafaela.camargo.ufpel@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – cris.rosa.ufpel@hotmail.com*

### 1. APRESENTAÇÃO

A literatura é fundamental para a formação do sujeito, e desde seu início, buscam-se maneiras de levá-la aos alunos. De acordo com Lígia Cademartori (2014):

É desejável que o livro ingresse na sala, nos primeiros anos, como um brinquedo e uma aventura com as palavras, que desperte a curiosidade dos pequenos e os estimule a pensar. Que as crianças mergulhem no livro e dele possam emergir como quem encontrou inesperadas maravilhas no fundo do lago. Ou ao cair na toca do coelho.

Porém, nos dias atuais, com a quantidade de informações que desde muito cedo nos é proporcionado conhecer através da internet e demais tecnologias que capturam e prendem a nossa atenção e interesse, ensinar a gostar de ler, gostar de livros e literatura é um grande desafio para os professores e demais atuantes da área. Na busca pelo ensino do gostar de ler, vem sendo disseminada a leitura literária que tem como objetivo primordial o prazer de ouvir/ler. Sobre o tema, Graça Paulino (2014) afirma que:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanhando seu desenvolvimento, sem que outros objetivos vivenciados como mais importantes, embora possam também existir.

Para incentivar esse tipo de leitura, não basta simplesmente aconselhar a ler. É necessário despertar o desejo e o gosto por ler no aluno. E, para isso, o professor deve tornar-se um mediador de leitura. De acordo com Yolanda Reyes (2014), “Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam condições para fazer com que seja possível que um livro e o leitor se encontrem.” Para exercer esse papel, o professor precisa ser um leitor: conhecer as obras, autores atuais ou clássicos e, a partir do contato e conhecimento de seu grupo de “leitores aprendizes”, escolher quais obras levar ao seu encontro.

Desde 2010, está em vigor no Brasil a Lei nº 12.224, de 24 de maio de 2010 que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Nela, apenas quatro artigos: o primeiro indicando sua obrigatoriedade; o segundo, seu conceito e a obrigatoriedade de um acervo com no mínimo, um título para cada aluno matriculado; o terceiro indicando o dever da universalização das bibliotecas escolares no prazo máximo de dez anos; o quarto com a data de sua publicação. No entanto, a comunidade escolar, em geral, não tem usufruído desse espaço em sua totalidade. Ela tem tido a função de depósito de livros ou materiais e, algumas vezes, de alunos, ao ser local de “castigo” por mau comportamento. No entanto, ela deveria ser um “ambiente pedagógico para informação, letramento e fruição” de acordo com Neves e Ramos (2010).

No ano de 2016 o Grupo de Estudos em Leitura Literária – GELL – da Faculdade de Educação da UFPel, foi convidado a organizar a biblioteca de uma escola estadual localizada na periferia de Pelotas. Chegando lá, houve a necessidade de restaurar o espaço, a fim de torná-lo adequado a seu objetivo: “desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem”, bem como criar vínculos que possibilitem usufruir “da biblioteca ao longo da vida” (UNESCO, 1999). Para chegar a este fim, redescoramos o lugar, organizando-o em setores e buscando torná-lo um lugar onde fosse agradável habitar, um local com ambiência, que é “conforto, adequação, funcionalidade, beleza” (Drumond *et al*, 2000, p 9). Percebemos, com essas ações, que “tornar os ambientes de leitura mais atrativos e acolhedores é uma grande estratégia para cativar novos leitores” (Rosa *et al*, 2017), logo, tornando a biblioteca um espaço agradável e que proporciona curiosidade, ela faz parte do processo de mediação à leitura.

Tendo esse objetivo em vista, realizamos o restauro do ambiente e, no dia 25 de novembro de 2016, a biblioteca foi inaugurada. A sala de 100m<sup>2</sup> tornou-se, com o reposicionamento dos móveis, uma sala de estudos para estudantes e professores possuindo ainda, uma recepção, um mini auditório e um espaço infantil. A ideia desta organização é a presença de crianças e adolescentes na biblioteca, individualmente, em grupos ou acompanhados e durante o recreio ou no turno inverso ao da escolarização.

Neste ano de 2017, o GELL assumiu o compromisso de realizar, na biblioteca restaurada, o projeto “Leitura Literária na Escola”. Assim, entre os meses de abril a outubro, em duplas, nos responsabilizamos por turmas para a leitura. A mim coube – junto com a colega Cláudia – ler para três turmas de estudantes que frequentam o 5º ano. Eles possuem entre 10 e 14 anos e são interessados e curiosos. O projeto ocorre em escolas da rede pública de Pelotas, nas quais duplas ou trios de licenciandos em Pedagogia realizam, semanalmente, um momento de leitura literária com uma ou mais turmas, com o objetivo de proporcionar a aproximação destes discentes com a literatura.

## 2. DESENVOLVIMENTO

A preparação para a leitura para os três 5º anos da escola teve início com a seleção de textos literários: poesias contidas no livro *Ou Isto, Ou Aquilo*, de Cecília Meireles e *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Os dois autores – Meireles e Lobato – foram escolhidos a fim de proporcionar o contato dos discentes com obras brasileiras. Além delas, ocasionalmente, eram lidas outras histórias e, como exemplo, cito o conto universal da “Dona Baratinha”, personagem que aparece nas histórias do *Sítio do Picapau Amarelo* criado por Lobato e *Fiz voar meu chapéu*, conto de Ana Maria Machado. Por ser longa, a obra de Lobato foi lida em capítulos e, com esse formato de leitura, a curiosidade em saber a continuidade da trama auxiliou na conquista da atenção dos alunos.

Entre os procedimentos de leitura escolhemos: a) colocar os alunos em roda no espaço da biblioteca; b) iniciar o momento com um diálogo; c) realizar a leitura dos textos, mantendo o diálogo entre elas; d) priorizar a atenção dos discentes. Como cada uma das turmas apresenta reações diferenciadas, foi necessário ter ‘flexibilidade’ no trato com elas. Uma das características do projeto é a leitura enfática, teatral, realizada com entonação, expressões faciais e corporais, de forma a transmitir o que se passa na história.

O espaço da biblioteca é propício à leitura e, o fato da turma sair da sala de aula tradicional e ir para a biblioteca proporciona uma experiência diferenciada.

Lá, os alunos mostravam-se ‘em casa’, sentindo-se à vontade. Assim, a biblioteca escolar ambientada, adequada ao deleite e à escuta, cumpre seu papel quando, por exemplo, é usada por outros professores e seus estudantes ao mesmo tempo em que estamos realizando as leituras. Por ter sido organizada em nichos, o uso de uns não impede outros projetos em andamento.

No entanto, algumas dificuldades interferiram no bom andamento do projeto durante o ano de 2017, entre elas, liberação dos estudantes antes do horário final das aulas devido a reuniões escolares ou chuva, paralisações do corpo docente e até por falta de servidores da limpeza. Nem sempre éramos antecipadamente avisadas do que ocorreria, tornando a ida à escola inútil. Impedidas de realizar as leituras naquelas ocasiões, o projeto teve pouca periodicidade. Entre os ouvintes, essas interrupções dificultaram o acompanhamento das tramas, uma vez que não lembravam do que ocorreu na leitura anterior. Percebemos que desse modo, sem periodicidade, o vínculo entre mediador e aluno não se fortalecia. Além disso, o espaço físico da biblioteca não estava sendo bem cuidado, já que percebíamos que o local não era limpo adequadamente. Houve um encontro em que a bolsista “passou uma vassoura” no local, a fim de torná-lo melhor para a mediação de leitura. Ainda não finalizado – leitura não concluída e falta da despedida dos alunos – devido à decisão dos professores pela greve do magistério estadual, o projeto aguarda o retorno às aulas para as conclusões.

### 3. RESULTADOS

Apesar das dificuldades e pouca periodicidade, o projeto teve resultados, os quais foram percebidos durante os encontros e nos relatórios elaborados, ao fim de cada um dos encontros, por mim e pela colega Cláudia. Entre os ganhos, uma particularidade no que concerne ao vocabulário dos textos escolhidos para leitura: em um dos dias, algumas palavras de compreensão não imediata foram lidas. Incorporadas ao texto original, despertaram a curiosidade nos alunos. Imediatamente, sugerimos que buscassem tais palavras no dicionário e, sem relutar, o fizeram como uma brincadeira de *caça ao tesouro*. Percebemos que a busca por conhecimento ocasionada a partir da *leitura deleite*, foi espontânea e sem obrigação.

Em outro encontro, um menino, que demonstrava estar desinteressado na leitura e concentrado em fugir do local mesmo que mentalmente, foi instigado por mim e pela Cláudia a estar mais perto. Apesar de insistir em não realizar essa ação, após alguns argumentos, cedeu e ficou junto à roda de leitura, com os demais. Esse dia ocorreu depois de algumas semanas sem leituras, e com isso, foi necessário relembrar os acontecimentos de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Ao questionar a turma sobre o que guardavam em sua memória sobre as histórias lidas anteriormente, o menino aparentemente “desinteressado” usou da palavra, mencionando detalhes de situações ocorridas nas leituras. Percebemos, então, que apesar de apresentar uma postura contrária à leitura – cara fechada e declarações de não agrado – ele havia escutado com atenção o desenrolar dos acontecimentos na trama do *Sítio do Picapau Amarelo* e sabia relatar o ocorrido.

### 4. AVALIAÇÃO

Apesar das dificuldades encontradas, o projeto concretizou seu objetivo: proporcionar aos discentes – estudantes dos quintos anos do ensino fundamental

– nessa escola pública de Pelotas, a aproximação ao mundo literatura, através de momentos de leitura literária.

Um importante ponto que integra a avaliação é a elaboração do “diário de campo”, uma tarefa acadêmica organizada pela orientadora e cumprida por nós, estudantes de ensino superior, no qual detalhes e a memória do ocorrido estão presentes, permitindo a reflexão sobre a ação de extensão.

O impacto da obra de Monteiro Lobato entre os estudantes, na integralidade, ainda não pode ser descrito, exatamente pela pouca periodicidade das leituras na escola para os 5º anos. No entanto, posso afirmar que é viável a leitura, o que indica que a obra desse escritor brasileiro mantém atualidade e longevidade como característica.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADEMARTORI, Lígia. **Literatura Infantil**. In: Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

DRUMOND, V.; SOUZA, R.; GARCIA, A.; SILVA, M.; CAMPOS, P. Análise e reestruturação de espaço físico em bibliotecas: Estudo de caso da situação funcional e administrativa da biblioteca da EA/UFMG - proposição de soluções emergenciais. In: **Análise e reestruturação de espaço físico em biblioteca: espaço físico e administrativo**. Documento. Belo Horizonte: EA/UFMG, 1997. 22p. Disponível em <[snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t110.doc](http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t110.doc)>. Consulta em: 10/09/2017

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução de Neusa Dias Macedo. São Paulo, 2000. Disponível em <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Consulta em 08/09/2017.

NEVES, N. V.; RAMOS, F. B. O espaço da Biblioteca Escolar: análise das condições de mediação de leitura. In: **Congresso International de Filosofia e Educação**. Eixo Temático: 08 - Educação e Linguagem. Caxias do Sul: UCS, 2010. Disponível em <<https://www.ufsc.br/ufsc/tplcinfe/eventos/cinfe/programa/actual.pdf>>. Consulta em 11/10/2017.

PAULINO, Graça. **Leitura Literária**. In: Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

REYES, Yolanda. **Mediadores de Leitura**. In: Glossário CEALE: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.

ROSA, C.M.; AZEVEDO, I.M.K.; CAMARGO, R.V.; NUNES, A.S.C. Biblioteca Escolar: espaço urbano de formação do leitor. **Anais**. V Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil do CELLIJ. Presidente Prudente, SP: UNESP, agosto de 2017. Disponível em <<http://www2.fct.unesp.br/congresso/cellij/>>. Consulta em 08/10/2017.